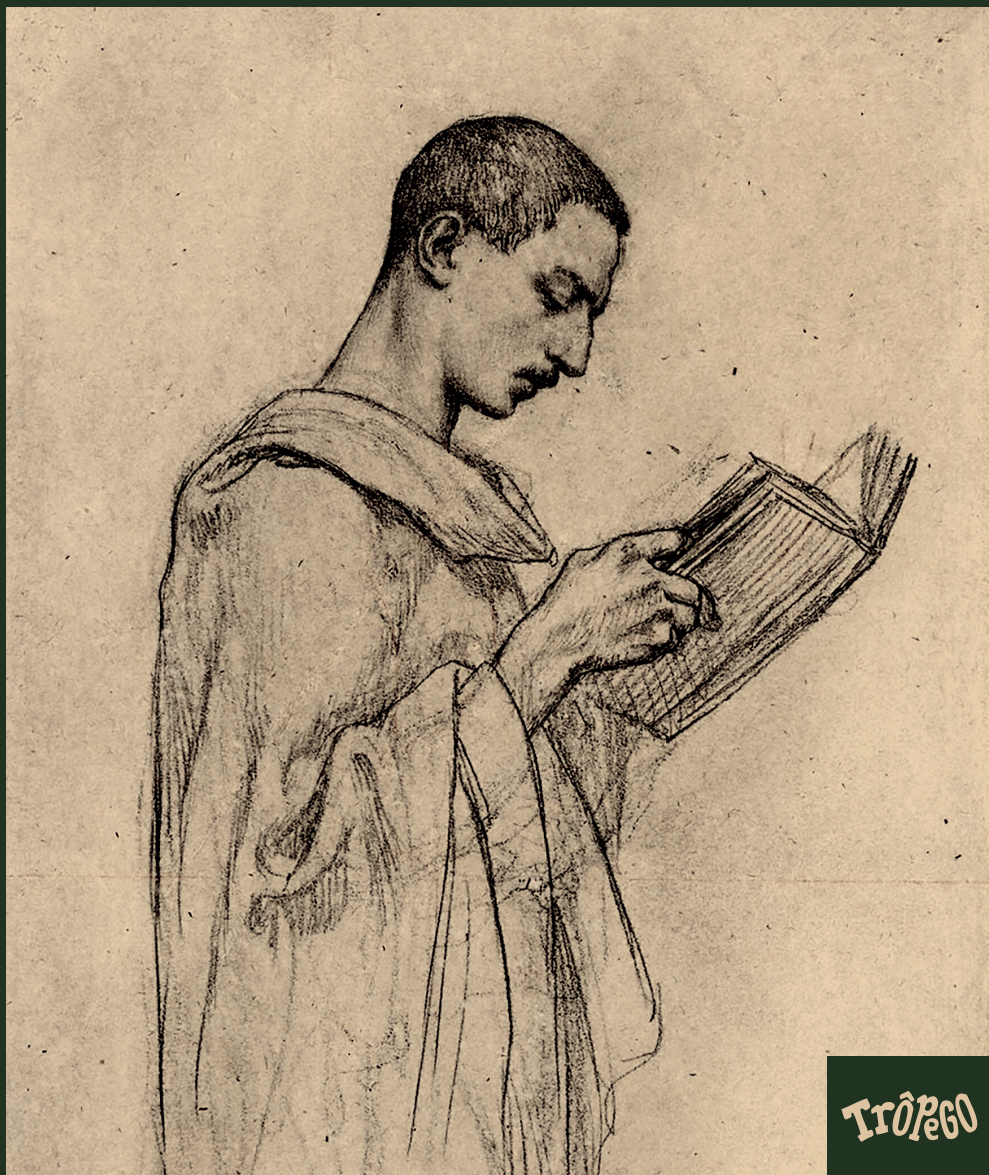


EDUARDO CAZON

DESIGNER DE LIVROS



TRÔPEGO

Entre as múltiplas atividades de uma publicação, uma tarefa muito importante é encontrar alguém que dê conta de diagramar o livro com velocidade, qualidade e paciência para aplicar as revisões.

Bacharel em Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com projeto de conclusão de curso em *type design* voltado para o design editorial. Eduardo Cazon trabalha exclusivamente com livros desde 2017, tendo mais de 100 miolos e 200 capas publicadas. É editor, diretor, autor e designer da *Série Pesquisa em Tipografia*, premiada pela 14ª Bienal Brasileira de Design em 2024.

Um designer que valoriza o conteúdo das obras, que estuda e tem experiência no mercado editorial. Alguém qualificado para diagramar o(s) seu(s) livro(s).

- » Responde rápido a e-mails e mensagens de WhatsApp.
- » Boa comunicação, sempre educado e prestativo.
- » Atencioso durante todas as etapas da publicação.
- » Trabalha com os padrões exigidos pelas gráficas.
- » Faz entregas organizadas e dentro do prazo.



EDUARDO CAZON

DESIGNER DE LIVROS

Tropégo

Laguna

2026

Trôpego
Designer de livros
© Eduardo Cazon

EDITOR E DESIGNER
Eduardo Cazon

ASSISTENTE EDITORIAL
Samantha Alflen

IMAGEM DA CAPA
Gustave Boulanger

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cazon, Eduardo.
Designer de livros / Eduardo Cazon. – Laguna, SC : Trôpego, 2026.

ISBN 978-65-985440-7-2.

1. Artes. 2. Design – Artes gráficas – Ilustração. 3. Capas de livros. 4. Livros – Design. I. Título.

26-347785.0

CDD 686

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Livros : Capas : Design : Criação e produção de livro 686.

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

Eduardo Cazon
(48) 98438-0949
www.tropego.com
eduardo@tropego.com
[instagram.com/du.cazon](https://www.instagram.com/du.cazon)

Para quem trabalha no mercado editorial brasileiro.
Valorizo o esforço e o prazer de insistir na leitura
como ferramenta de transformação social.

Sumário

Sobre mim, 7

Serviços, 8

Currículo, 9

Série Pesquisa em Tipografia, 10

Coleção Ponto Final, 16

Genocídio na Guatemala, 18

Sepultura de palavras para os desaparecidos, 19

Biopolítica, educação e segurança pública, 20

Antonio Nóbrega em paisagens(pós) armoriais, 21

Lembrança do presente, 22

A viagem de Nyota, 23

Loreto Liberto, 24

Estudo de caso, 25

Por labirintos e torres, 26

Vida, tudo sonho, 27

Boa noite, seu Tavares, 28

Ilustrações, 29

Depoimentos, 37

Sobre mim

Nasci e cresci em Piracicaba, no interior de São Paulo. Foi vendo as exposições do Salão Internacional de Humor de Piracicaba, que descobri ser possível viver **minha paixão por artes gráficas**. Me mudei para Florianópolis, para estudar design na UFSC, onde me encontrei no desenho de letras, capas e miolos de livros.

Adoro trabalhar entre linhas e parágrafos, por isso sempre estou com mouse e teclado prontos para fazer a próxima publicação. Gostaria de ter mais tempo para ler livros, além de fazê-los, mas fico feliz por conseguir viver de livros todos os dias e ler sempre que posso.

Sou autor do livro *Tipografia e política* (2023) e semifinalista do Microconto de Ouro 2025 com o texto “Sotaque fraco”.



Serviços

Procurando alguém para diagramar seu(s) livro(s)? Se você precisa de um designer que faz **entregas com qualidade** e quer contratar alguém experiente, eu posso te ajudar. Sou um designer que conhece as etapas de publicação e domina as ferramentas necessárias para realizar os trabalhos.

MIOLO

Faço a diagramação de livros, sejam eles acadêmicos, de poesia, crônicas, romance, diários etc. Trabalho com projetos clássicos ou especiais. Sempre prezando pela **legibilidade** e **viabilidade econômica**.

CAPA

Crio capas de acordo com as suas orientações e com o **tom de voz da obra** em questão. Podemos trabalhar com letreiros, fotos, pinturas ou colagens. O que for melhor para o projeto.

PROJETO GRÁFICO

Crio projetos gráficos levando em conta as necessidades editoriais de cada publicação. Aqui o **refinamento** pode ser de diversas formas. Ajusto as aberturas de capítulos, tamanho da fonte, configuro uma boa mancha de texto para atingir o número de páginas ideal e por aí vai.

EDIÇÃO

Cuido da publicação por completo! Leitura crítica, preparação do original, revisão de texto, projeto gráfico, diagramação do miolo, criação da capa e produção gráfica. Faço a ponte com os fornecedores e prestadores de serviço necessários para que o livro aconteça.

ILUSTRAÇÕES

Desenhos com caneta nanquim, lápis e ilustração digital.

Currículo

- 2025:** Texto “Sotaque fraco” é **semifinalista do 5º Microconto de Ouro da Casa Brasileira de Livros** e selecionado no 15º Concurso de Microcontos de Humor de Piracicaba.
- 2024:** *Série Pesquisa em Tipografia* selecionada para **14ª Bienal Brasileira de Design**, na categoria Publicações sobre Design Gráfico.
- 2023:** Publicação do livro ***Tipografia e Política***, pela Editora Insular, em Florianópolis.
- 2022:** Diretor da *Série Pesquisa em Tipografia*, da Editora Insular, em Florianópolis.
- 2021:** Apresentação no evento internacional de tipografia TypeWKND, com a fala *Relações entre tipografia e política na perspectiva de um jovem brasileiro*. Evento online.
Bacharel em Design pela UFSC, com o projeto de conclusão de curso *Inimiga do rei: Tipografia para textos contrários à opressão*.
- 2020:** Participação no II Colóquio de pesquisa e design: De(s)colonizando o design, com os resumos das pesquisas *Tipografia insurgente* e *Dialogando Design, Teatro, Anarquismo, e Pedagogia através de Zine e Colagem*. Evento online organizado na UFC, em Fortaleza.
- 2018:** Participação no *Grupo Organizado de Teatro Aguacero*, em Florianópolis, atuando em apresentações de peça, realização de oficinas, produção de zine, audiodiálogo e curta-metragem.
- 2017:** Estágio na Imprensa Universitária da UFSC, em Florianópolis.

Série Pesquisa em Tipografia



A Série foi selecionada para a 14ª Bienal Brasileira de Design, na categoria de **Publicações sobre Design Gráfico**. Com projetos únicos e temas de extrema importância para a tipografia nacional, a Série Pesquisa em Tipografia é fruto de muito esforço e criatividade. Os livros unem a pesquisa acadêmica em tipografia com a aplicação profissional das fontes no contexto editorial, de modo que cada obra ilustra o tema de pesquisa em sua forma visual. Além dessa **coerência entre forma e conteúdo** nas publicações, a produção gráfica foi pensada para baratear os livros de design. Este projeto valoriza o conhecimento científico produzido pelas pesquisadoras, as fontes feitas por profissionais da América Latina e a capacidade da organização visual do texto de potencializar o conteúdo e assimilação dos textos pelos leitores.

A Editora Insular é referência em livros sobre jornalismo e América Latina. Depois de anos trabalhando juntos, fui convidado para ser editor e diretor de uma série de livros sobre tipografia, cujo objetivo é introduzir a Insular nas publicações de design, valorizando o conhecimento sobre tipografia e publicando livros a um preço acessível para designers, estudantes e professores.

Uma preciosidade desse projeto é a **centralização de diferentes papéis pelo designer**, pois coloca alguém do público-alvo para escolher as pesquisas a serem publicadas. Dessa forma, se misturam o diretor que pesquisa, o editor que publica, o designer que cria e o leitor que lê. O desafio foi criar um projeto gráfico para o público de designers estando limitado ao sistema de impressão sob demanda.

A proposta é divulgar pesquisas brasileiras em tipografia através de livros com **preços acessíveis**. Cada volume é diagramado de acordo com a teoria do próprio livro. Bem como, todos os textos são adaptados para uma linguagem mais fluída, removendo formatações acadêmica sem perder o rigor científico.

Aproveitando minha formação acadêmica, propus a publicação de pesquisas que tive contato durante a graduação. Junto com a experiência de trabalho, propus um projeto gráfico condizente com os temas das pesquisas e economicamente viável. Para ter um projeto compatível com a **impressão sob demanda**, criei uma identidade visual baseada na experimentação tipográfica, unindo o conteúdo verbal dos textos com a forma visual dos livros.

A partir da integração da função de diretor e editor pelo designer da coleção, foi possível que uma editora independente entrasse para o nicho de livros de design com projetos especiais, pesquisas inovadoras e preços competitivos.

No livro *Seleção tipográfica*, escolhi apresentar diferentes estilos tipográficos para o público experimentar como a seleção tipográfica influencia na experiência de leitura. Para isso, apliquei o método proposto pela autora na escolha de uma fonte de cada estilo para cada capítulo.



Propomos que dentro deste livro as letras sejam vistas, além de serem lidas. Para que se experimente diversos sabores tipográficos, cada parte do texto foi composta em uma fonte diferente, e não permitam-se observar os detalhes das formas. O processo de seleção tipográfica do livro está descrito em detalhes na página 85.

Elementos pré-textuais, Prefácio e Introdução foram compostos em nd Type One, notdaf type.
 Capítulo 1 foi composto em Bommer Slab, dooType.
 Capítulo 2 foi composto em Silva Text, Blackletter.
 Capítulo 3 foi composto em Garibaldi, Harbor Type.
 Capítulo 4 foi composto em Lembra, Fabio Haag.
 Conclusão foi composto em Montserrat, Julieta Ulanovsky.
 Elementos de apoio e pré-textuais foram compostos em Asap Condensed, Omnibus Type.

Sumário

13 Prefácio
Henrique Nardi

15 A relevância e a complexidade da seleção tipográfica do design da informação

INTRODUÇÃO

21 Terminologia, anatomia e classificação tipográfica

24 Termos fundamentais e anatomia tipográfica
30 Classificação tipográfica

CAPÍTULO 2

35 Critérios de seleção tipográfica

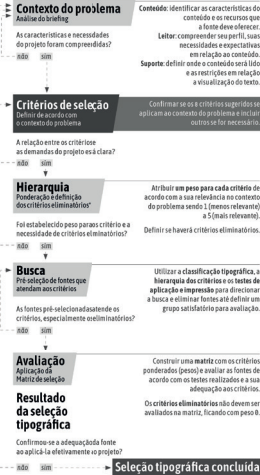
36 Fatores formais e funcionais
47 Fatores conceituais
53 Fatores técnicos
57 Fatores legais e econômicos
60 Aplicação dos critérios no processo de seleção tipográfica

CAPÍTULO 3

63 Compreendendo as etapas e realizando a seleção tipográfica

63 Sobre a complexidade da seleção tipográfica
70 A definição de um modelo de seleção com etapas e critérios
80 Sugestões e exemplos sobre o uso do modelo de seleção tipográfica

Figura 23
Modelo
expandido
e integrado
ao quadro
síntese
dos critérios
do autor



Fatores FORMAIS e FUNCIONAIS	
LEGIBILIDADE	VARIAÇÕES E RECURSOS
A fonte é legível para o público-alvo nas condições (tamanho e volume de texto) que será usada no projeto?	A fonte faz parte de uma família tipográfica com as variações e recursos necessários para atender as demandas do conteúdo?
Proporções altura-x, ascendentes e descendentes, espaço médio.	Variações: postura, largura e peso.
Métricas: espaçamento kerning.	Recursos tipográficos: grifa e especifica.
Mancha tipográfica: peso contraste do traço.	Coexistência harmonizada entre as variações.
Fatores CONCEPTUAIS	
ASPECTOS HISTÓRICOS-CULTURAIS	ESTÉTICA
A fonte faz referência a um contexto histórico ou cultural específico?	A fonte expressa graficamente atributos de personalidade e estabelece uma relação emocional ou simbólica com o cliente?
Referências culturais: relação simbólica.	Desenho dos caracteres: percepção formal.
Estilo: classificação tipográfica.	Conteúdo do projeto em relação ao público e a empresa.
Conteúdo histórico: fatos relevantes relacionados.	
Fatores TÉCNICOS	
QUALIDADE	SUPORTE
A fonte mantém a unidade de estilo e desenho entre os caracteres, além do ajuste entre retículas em diferentes tamanhos?	A fonte apresenta boa renderização nos suportes onde será usada?
Desenho dos caracteres: diferenciação e unidade entre os caracteres.	Renderização: hinting, dispositivos e impressão.
Métricas: espaçamento kerning.	Desenho dos caracteres: adequação ao suporte.
Detalhes: uso diferentes tamanhos.	Diversidade do suporte: o quanto a fonte renderiza em versatil para se adaptar.
Fatores LEGAIS e ECONÔMICOS	
LICENCIAMENTO	INVESTIMENTO
A fonte possui condições de licenciamento adequadas à necessidade do projeto?	A fonte é comercializada por um custo compatível com o orçamento do projeto?
Política de uso: conteúdo EULA.	Licença necessária: número de máquinas onde será instalada.
Necessidades do projeto: sustentação do tipo, fornecimento com acesso ao arquivo e licença web.	Custo por licença de acordo com o uso (web, desktop ou app).

Em *Tipografia e política*, apliquei na composição do livro a fonte Inimiga do rei, criada através de uma pesquisa sobre a forma das letras e opressões sociais na tipografia. A diagramação alinhada a esquerda com

uma fonte sem serifa humanista dialoga com a proposta do livro de não tomar os padrões clássicos do design europeu como única referência e possibilidade de estética para o **design latino contemporâneo**.



Politizar o olhar tipográfico

A fonte Ayotznapa foi feita como uma campanha de solidariedade para as famílias que tiveram seus filhos e filhas sequestrados e assassinados por narcotraficantes e agentes do Estado no México. Processo Sans e Uruguay 1976 foram feitas para que nós, latinos, não nos esqueçamos dos milhares de assassinatos que militares cometeram nas ditaduras latino-americanas, fortemente influenciadas pelos Estados Unidos da América. Assim como outras tipografias citadas anteriormente, que prezam pela vida de mulheres, negres e árabes, essas fontes são produções gráficas que nos ajudam a acessar um outro contexto, seja de outro tempo, outro espaço ou outras identidades.

As pessoas que fizeram esses projetos reconhecem a potência que as tipografias têm dentro de seus contextos. Esses profissionais foram extremamente responsáveis e cuidadosos ao lidar com temas brutais da realidade, como terrorismo de Estado, machismo e racismo. Valorizar a atuação profissional politicamente engajada, reconhecendo essas fontes como produtos culturais de revoltas, pode ser útil para termos mais pessoas engajadas no combate às opressões.

Alguns personagens históricos da tipografia e do design gráfico trabalharam para os grandes opressores de seu tempo, seja a nobreza, a burguesia ou as multinacionais. Essas pessoas trabalharam qualificando a comunicação dos opressores, contribuindo para a transmissão de valores autoritários na sociedade.

Politizar o olhar tipográfico é buscar ter consciência de quais são os valores que estamos reproduzindo com nossa prática profissional. A estética dos colonizadores foi produzida, reproduzida e adquiriu status justamente por estar de acordo com a ética dos colonizadores.

56

Pesquisa sobre dominação

Dois princípios da cultura Libertária, propostos por Felipe Correa no livro *Bandeira Negra* (2015), foram adaptados e serviram de base para o projeto.

1. Crítica da dominação

Dominação é uma forma autoritária de relação entre sujeitos de uma sociedade onde alguns determinam aquilo que diz respeito a outros. Ela acontece na relação de mando-obediência e na alienação do sujeito, produzindo espoliação para quem é dominado.

2. Defesa da autogestão

A autogestão é uma forma de poder que evita a tirania de alguns sobre o coletivo, onde o poder de decisão está diretamente ligado às pessoas que serão afetadas pela decisão. Desse modo podemos substituir um sistema de dominação, por um sistema autogestionário, tendo assim uma sociedade justa, igualitária e livre.

Análise histórica

Para engerar a inserção da tipografia no universo social, realizei uma análise observando aspectos funcionais-objetivos, funcionais-subjetivos, morfológicos e o contexto de produção dos principais estilos tipográficos e algumas fontes renomadas.

Analisando essas fontes concluí que o estilo humanista tem serifa é o mais adequado por sempre com a área de tradição e conservadorismo das serifas, sendo facilmente identificadas como "novas". Ele também transmite maior sensação de movimento e presença da mão humana.

Análise de tipografias políticas

As fontes encontradas passam por vários estilos, desde tipografias com serifa slab e dingbats, mas todas elas compartilham valores da cultura autogestionária.

A maior parte delas são fontes display, para cartazes, faixas de protestos e remetem à mão humana. Elas foram produzidas por mulheres, pessoas negras, LGBTQIA+ e latinos, sendo alguns projetos realizados no sul global e distribuídas gratuitamente.

Inimiga do rei n/4 pt

Inimiga do rei

O nome *Inimiga do rei* conecta a história da tipografia com a história das lutas sociais no Brasil.

Romana do Rei

O rei Luís XIV, da França, encomendou em 1692 uma tipografia para ser utilizada exclusivamente pela imprensa real. A fonte foi feita usando grifó, retas e curvas geométricas, resultando em uma construção racional e com contrastes elevados. Como afirma Robert Bringhurst, em *Elementos do estilo tipográfico*:

Elas são produto da era racionalista: formas frequentemente belas e calmas, mas indiferentes à beleza mais complexa do fato original.

A fonte *Inimiga do rei* é o oposto da Romana do rei, possuindo construção caligráfica, contraste moderado, terminais agudos e livre para qualquer pessoa usar, estudar, modificar e redistribuir cópias exatas ou alteradas.

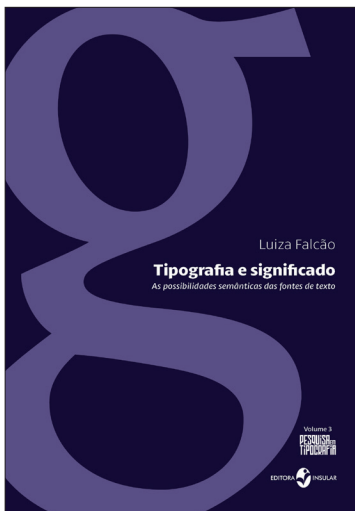
Inimigo do Rei

O jornal não era dedicado apenas a anarcosindicalismo. Era também o porta-voz de vários movimentos sociais que não encontravam espaço na grande imprensa e nem mesmo na imprensa alternativa, como os usuários de drogas, os homossexuais, os movimentos negres e feministas mais radicais, os atus militantes, os ativistas da luta antimanicomial, ambientalistas e tantos outros que tiveram seus temas abordados no jornal, o que lhe deu repercussão não só no Brasil como nos EUA, Portugal, Espanha, Suíça, Suécia, Itália, Austrália, Alemanha, Argentina, entre outros países com os quais os editores acabaram mantendo contato.¹

¹ Como todo software livre.

² Fonte: http://gpi.wikiptea.org/wiki/C:_Inimiga_do_Rei, Acesso em 10 de abril de 2020.

No livro *Tipografia e significado*, apliquei o método de seleção tipográfica do primeiro livro buscando fontes expressivas, pois o tema da pesquisa versa sobre as possibilidades semânticas das fontes de texto e usamos um tamanho de corpo generoso para o leitor apreciar as letras.



Sumário

13 Introdução

CAPÍTULO 1

19 Tipografia: limites da pesquisa

19 Terminologia tipográfica

20 A fonte de texto

32 A produção brasileira de fontes de texto

CAPÍTULO 2

0 projeto tipográfico

45 Os tipos de projeto de fontes de texto

49 Os aspectos objetivos do desenho do tipo

52 Os aspectos subjetivos do desenho do tipo

55 Pesquisas sobre tipografia e significado

63 Processos e métodos para o projeto de fontes

CAPÍTULO 3

As possibilidades semânticas das fontes de texto

71 A estrutura da pesquisa de campo

81 A exploração das possibilidades semânticas das fontes de texto pelo designer de tipos

90 A diferenciação das fontes de texto pelos usuários especialistas e não especialistas

115 A percepção das possibilidades semânticas das fontes de texto pelos usuários

133 Considerações finais

137 Bibliografia

ter acesso. Portanto, é importante que os desenhos das suas caracteres equilibrem o esqueleto básico que torna cada um dos caracteres identificáveis e as inovações formais que constituirão a identidade formal da fonte.

A partir dos questionários aplicados na pesquisa, identifiquei que os leitores percebem as diferenças formais entre as fontes de texto, sejam elas com ou sem serifa. Também foi possível constatar que os leitores atribuem conceitos subjetivos específicos às fontes de texto, a partir dos três contextos de uso testados: em manchas textuais, na composição do alfabeto e a partir da visualização individual dos caracteres n, o, e, e.g. Por último, os resultados do estudo indicam que é possível considerar a dimensão semântica das fontes de texto em situações de projeto e de seleção tipográfica.

Ainda que tenham sido identificadas algumas tendências de associação entre características formais e características subjetivas, a pesquisa não objetivou a produção de um guia de fontes e de seus respectivos significados. A partir dos dados coletados, foi possível estabelecer propensões de conexão entre determinados parâmetros tipográficos e determinados conceitos subjetivos, a exemplo da característica “informal” atribuída, apenas, à única fonte com serifa gôtica utilizada no questionário.

Ainda assim, é preciso entender que o desenho tipográfico é composto por uma série de atributos formais, e que, ao alterar algum dos seus parâmetros, a interpretação conceitual também pode ser alterada. Para além dos aspectos intrínsecos ao desenho das fontes – que constituiriam o foco deste estudo –, é preciso considerar que os aspectos extrínsecos também influenciam na interpretação das possibilidades semânticas. Até mesmo o conteúdo do texto composto com uma determinada fonte é capaz de interferir na sua interpretação conceitual.

Dessa forma, a principal expectativa deste livro foi fomentar em você, leitor, reflexões sobre a tipografia enquanto

134

um meio para a exploração conceitual, tais como os demais elementos que constituem a linguagem visual gráfica. Neste sentido, espero que a pesquisa tenha estimulado a curiosidade, para que você construa o seu repertório de associações de características formais tipográficas a diversos conceitos subjetivos, e não apenas ao abordado aqui. Sugiro que utilize as informações apresentadas por este estudo como ponto de partida para suas próprias elaborações acerca das possibilidades semânticas das fontes de texto, e que considere sua dimensão semântica em seus próximos projetos que envolvam o design de tipos ou a seleção tipográfica.

Por fim, desejo mais uma vez o sucesso ao mercado brasileiro de design de tipos se ampliou nas últimas décadas. É possível observar um crescimento na produção de fontes de texto customizadas para o mercado brasileiro: aqui, viabilizo um espaço para a associação das discussões fomentadas nesta pesquisa com o projeto tipográfico. Muitas vezes, as fontes projetadas sob encomenda para marcas possuem condições de uso que possibilitam ao designer de tipos um maior espaço para inovações formais – e, conseqüentemente, oportunidades para a exploração das suas possibilidades semânticas.

A discussão sobre a equalização dos aspectos objetivos e subjetivos do desenho tipográfico é fundamental para o processo de formação e para a atuação dos designers de tipos e dos designers gráficos. Espero que os dados apresentados neste livro estimulem novas pesquisas em tipografia e apontem caminhos para futuros estudos sobre as possibilidades semânticas das fontes de texto.

135

Publicado em março de 2025, o livro *Fontes Variáveis* tem seu projeto gráfico baseado nos eixos das fontes variáveis e aplica as fontes June em títulos e Vinila no corpo de texto, ambas variáveis. Explorando a horizontalidade, aspecto fundamental na experiência de uso dos eixos, o livro tem formato aberto horizontal e fios como elemento gráfico. No corpo do texto, a fonte sem serifa aproxima o mesmo das interfaces digitais, e os eixos de peso e largura criam hierarquia tipográfica e ajudam no **controle de linhas órfãs e viúvas**.



Sumário

PRÉFÁCIO
Letras que dançam, 7

INTRODUÇÃO
Tipografia, tecnologia e processos de design, 13

CAPÍTULO 1
A prática do design de tipos, 17
Evolução de processos analógicos do design de tipos, 20
A influência das tecnologias digitais no design de tipos, 25
Considerações sobre o processo de design de tipos, 28

CAPÍTULO 2
Fontes variáveis, 35
Propriedades e características, 35
Potencialidades em mídias digitais, 43
A percepção dos designers de tipos, 49

CAPÍTULO 3
Design de fontes variáveis, 57
Variáveis Fontwork: um framework para o processo de design de fontes variáveis, 58

CAPÍTULO 4
Considerações finais, 79
Referências bibliográficas, 81

onde são feitos ajustes de kerning¹² e hinting¹³ e gerado o arquivo final da fonte. Também foi mencionado pelos profissionais possíveis testes que ocorrem durante esses momentos em relação ao desenho da fonte no próprio software de criação e no funcionamento do arquivo final em sistemas operacionais.

12. Kerning se refere ao ajuste de espaçamento entre pares de letras.
13. Hinting são informações contidas nas fontes que orientam a renderização de textos na tela com o objetivo de manter a qualidade tipográfica.

34

CAPÍTULO 2

Fontes variáveis

As fontes variáveis foram lançadas com o objetivo de proporcionar mais flexibilidade aos tipos a partir de uma colaboração entre as empresas Google, Adobe, Apple e Microsoft no ano de 2016. Elas possibilitam o ajuste de diversos atributos do desenho das letras, oferecendo níveis elevados de personalização dos tipos aos seus usuários.

Além das inúmeras variações oferecidas pelas fontes variáveis, elas ainda proporcionam arquivos mais compactos e controle dinâmico sobre aspectos visuais de textos em diferentes contextos. Diante disso, o presente capítulo explora as características das fontes variáveis, demarcando sua contribuição para as mídias digitais, e apresenta a percepção de profissionais e especialistas acerca desse formato.

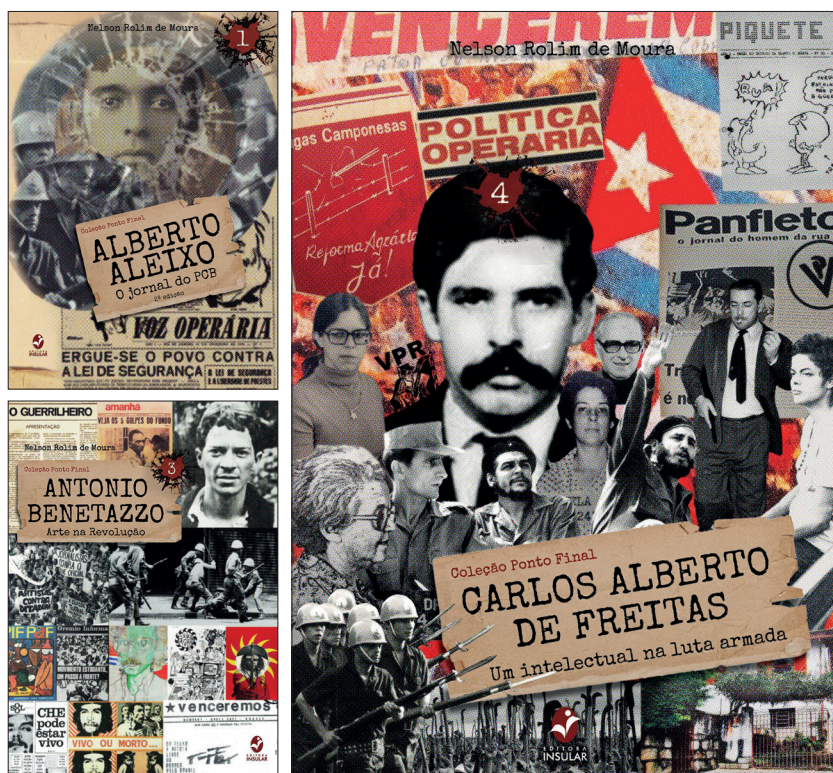
Propriedades e características

As fontes variáveis consistem em uma tecnologia em que diferentes larguras, pesos, inclinações e muitas outras variações são incorporadas em um único arquivo. Em uma família de fontes tradicional, ou também chamada de estática, cada variação

35

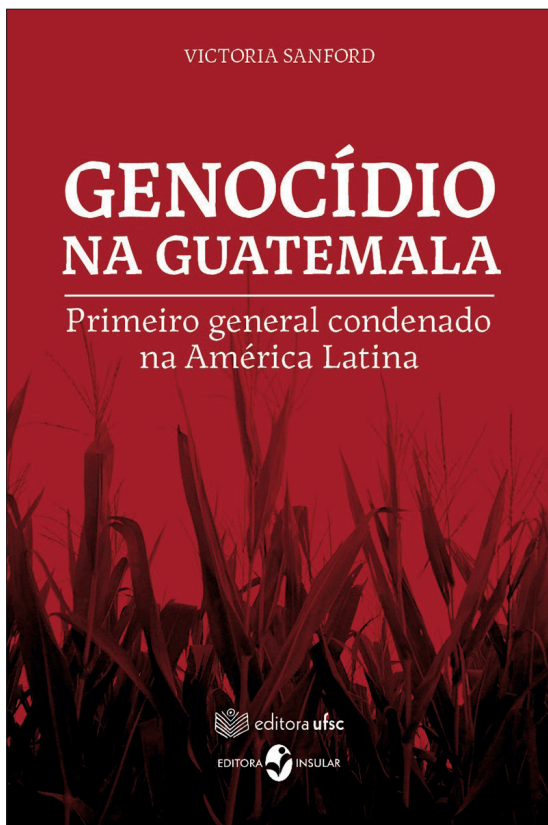
Coleção Ponto Final

A Coleção traz fatos e perfis histórico-políticos de jornalistas executados pela ditadura militar. Com 5 dos 38 volumes já publicados, o miolo é planejado para uma **leitura confortável**, com **margens bem arejadas** e bom tamanho da fonte de texto. As capas tem um projeto gráfico estruturado em um tripé: jornalista assassinado; militares; personalidades e jornais relacionados com a pessoas retratada na obra. Além disso, a capa remete a um arquivo de papeis da ditadura, **ambientando o livro na época dos acontecimentos do texto**.



Genocídio na Guatemala

Em coedição entre Editora Insular e Editora UFSC, digravei capa e miolo deste livro acadêmico com gráficos e tabelas. **Destaque especial para a capa**, pois de que forma devemos representar um genocídio? Diante desta questão, escolhi enfatizar o milho, por que na cosmologia Maia os seres humanos nasceram do milho e o ataque dos militares as plantações dos indígenas, além de destruir a fonte de alimento, foi um ataque simbólico.



Prefácio à edição brasileira

Wladir José Rampinelli e Nelson Rolim de Moura

A Revolução de Outubro na Guatemala, comandada inicialmente por uma junta de Governos e logo depois pelos presidentes eleitos Juan José Arévalo (1945-1951) e Jacobo Arbenz Guzmán (1951-1954), foi um movimento democrático-burguês com um caráter nacionalista e anti-imperialista que buscava superar o atraso secular, pôr fim à dependência histórica à qual havia sido submetido o seu povo.

O início desse período significa mudanças transcendentes para o país, já que a burguesia é coagida a se modernizar e o oligarquês perde hegemonia política e econômica. A democracia representativa passa a ser regida pelo equilíbrio dos três poderes, buscando vencer 100 anos de ditaduras personalistas.

Uma vez promulgada a Constituição da República, em 1945, redigida e aprovada por uma Assembleia Constituinte, da qual participaram representantes de todas as classes sociais, começa o governo de Arévalo a implementar sua estratégia reformista. A nova carta permite a organização popular, concede autonomia à Universidade Nacional, cria o cargo de chefe das Forças Armadas e apresenta avanços nos setores político, econômico, social, cultural. É um período difícil e conturbado, marcado permanentemente pelas ameaças de subversão e por tentativas de golpes de Estado.

No entanto, a medida que o governo, um único representante da intelectualidade pequeno-burguesa, avança com suas reformas, a coalizão que havia derrubado o ditador general

9

que "se consolidou seu poder rapidamente" e conseguiu "a implementar uma rigorosa ofensiva de contraorganização".

Gráfico 1
Responsabilidade por atos de violência

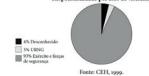


Gráfico 2
Etnicidade das vítimas da violência



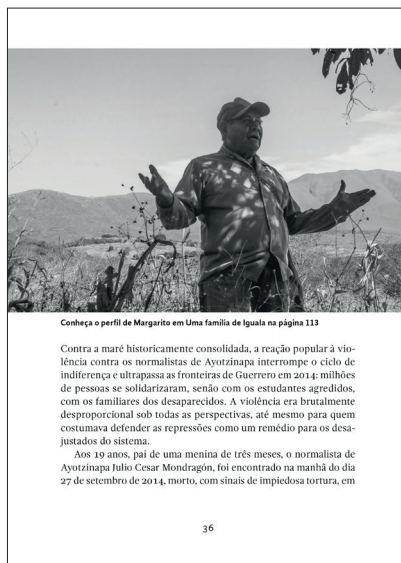
No entanto, o funcionário do Departamento de Estado que escreve o memorando reconhece que "Rios Montt não tem uma base de poder forte [...] Gostariamos, portanto, de apoiar Rios Montt no curto prazo". Ao mesmo tempo, o documento reconhece "que o Exército continua realizando massacres de civis no campo".¹⁶

16. Não identificado. Departamento de Estado dos EUA, 1981. Memorando de Apoio Genocídio ao Genocídio de Indígenas Americanos Indígenas da Guatemala. Vozes de Armas. Não tem sido visto nos arquivos, mas o texto indica que se trata de uma cópia de documentos depositada em novembro de 1981, p. 1. 17. Não identificado. Departamento de Estado dos EUA, 1981, p. 1. 18. Idem, p. 2.

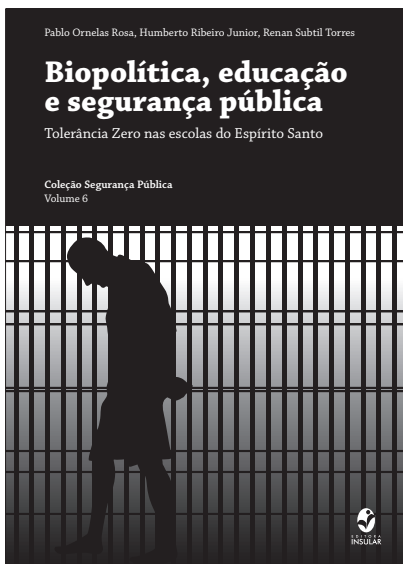
35

Sepultura de palavras para os desaparecidos

Este é um livro reportagem onde a jornalista investiga a relação do Estado mexicano com os narcotraficantes no desaparecimento de jovens estudantes. A reportagem conta com perfis das pessoas entrevistadas, **muitas imagens** e um **caderno de fotos coloridas**.



Biopolítica, educação e segurança pública



Livro sobre segurança pública e educação. Cheio dos tradicionais **elementos editoriais** de textos acadêmicos, como aberturas de capítulos, epígrafes, intertítulos, citações, notas de rodapé, referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 Problematizando o poder em Michel Foucault

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault

As três fases da analítica de Michel Foucault

Paul Michel Foucault, filho e neto de renomados cirurgiões de mesmo nome, nasceu em Poitiers, uma cidade localizada no centro-oeste da França, às margens do Rio Clain, em 15 de outubro de 1926. Ingressou no Liceu Henri IV¹ antes mesmo dos quatro anos de idade para não se separar de sua irmã mais velha, de nome Francine, e apesar de decepcionar seu pai com a escolha de não seguir a carreira médica, obteve de sua mãe, Anne Malapart, o apoio e incentivo necessários para que ele se engajasse na carreira que desejava. Anne contratou um professor de filosofia – que talvez tenha sido determinante para o direcionamento da carreira de Foucault – de nome Louis Girard, pois Anne seguia com veemência a máxima de seu pai, Dr. Malapart, também cirurgião, que a mais importante lição na vida era “aprender a governar a si mesmo”. No ano de 1946, Michel ingressa na Escola Normal Superior da França², onde conheceu influentes pensadores como Pierre Bourdieu, Jean-Paul Sartre entre outros, além de ter sido aluno de Maurice Merleau-Ponty.

Michel Foucault, considerado rebelde por muitos membros do Liceu, gostava de apelar colegas e abusar do sarcasmo e ironia, fazendo com que muitos o concebessem como louco³. Ao tentar suicídio – talvez em decorrência de seu desconforto devido à sua condição de homossexual, em tempos quando o preconceito era ainda maior que o hodierno – em 1948, seu pai o direciona ao hospital Saint-Anne, onde foi internado e obteve seu primeiro contato com a psiquiatria, retornando mais tarde à mesma instituição como aluno e posteriormente como professor, fato que seria determinante na produção de suas primeiras obras intituladas: *Doença mental e psicologia*⁴ (1954), publicada aos seus 28 anos de idade, e *História da loucura*⁵ (1963), apresentada como tese de doutoramento pela Sorbonne. No ano de

1. Dados obtidos através dos sites eletrônicos: <http://www.prepp.edfm.fr/jpgaf/grupo-mf/biografi.html> e <https://is.gd/ZEMAG>, acessados em 17 de fevereiro de 2016.

2. Tradução livre: Liceu Henri IV.

3. Tradução livre: Ecole Normale Supérieure.

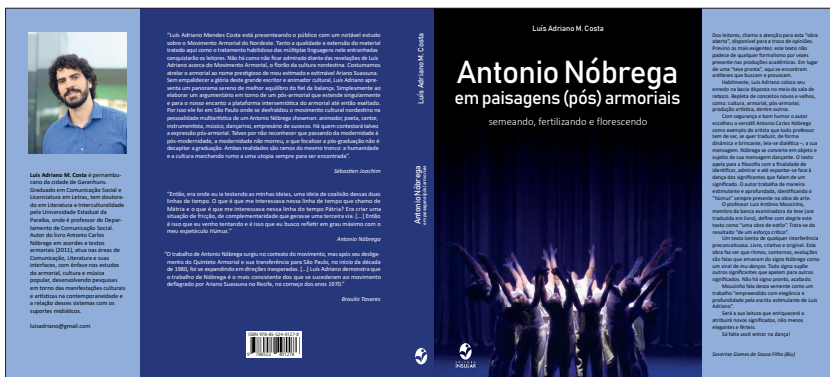
4. Dados obtidos através do site eletrônico: <http://www.prepp.edfm.fr/jpgaf/grupo-mf/biografi.html>, acessado em 17 de fevereiro de 2016.

5. Tradução livre: Maladie Mentale et Psychologie.

6. Tradução livre: Histoire de la Folie à l'Age Classique.

Antonio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais

Este livro é estudo sobre o Movimento Armorial do Nordeste, com análises sobre danças e espetáculos registrados em fotos.



múltiplo do que seu trabalho expressa na atualidade, sem deixar de lado aspectos referentes ao próprio movimento.

De forma complementar a essa característica é que foi percebido de reconstituição a partir de uma quebra/rompimento, num processo de desterritorialização e reterritorialização constantes, e que aqui foi compreendido a partir do que ficou de armorial no pós-armorial, ou seja, o que permaneceu, refletindo mais uma vez a qualidade movimento, um constante dever de uma unidade significativa presente na sua trajetória.

A partir desse percurso e do que chegamos aos dois últimos princípios, complementares entre si: o da cartografia e o da decaimonia. Complementares porque se no princípio da cartografia o rizoma funciona como um mapa, aberto em todas as suas dimensões, apto a sofrer transformações constantemente, numa permanente atualização; a decaimonia pressupõe a possibilidade de decalar o mapa, de fazer uma representação a partir dele, o que não implica falta de originalidade, desde que o ponto de partida seja o mapa e não o decalque. Traçando para o universo da nossa abordagem, foi perceber em *Hímus* as bases do pensamento armorial, tomadas nesse momento enquanto mapa, e a partir desse pensamento, as referências acessadas por Nóbrega que conferem uma pós-armorialidade, decalque que possibilita avanços no instante em que provoca o surgimento de pontos de tensão diante de um pensamento mais essencialista como se configura o armorial e como consequência, novas reflexões acerca da atualidade do movimento e da própria trajetória do artista. Seguindo esse pensamento, é conceber o pós-armorial a partir mesmo do armorial, observando assim as descontinuidades dentro de uma lógica rizomática.

Faz-se necessário observar que os princípios do rizoma retomados ao longo do trabalho não estão organizados item por item, até porque eles permeiam constantemente nossas reflexões, promovendo avanços, pausas, associações, apontando caminhos necessários. Na prática possibilitou um exercício amplo de acompanhamento de percursos, verificando aproximações e diferenças, captando elementos ministeriais e possíveis linhas de fuga, conexões para a elaboração de novos olhares em torno do que expressa não apenas o trabalho de Antonio Nóbrega na atualidade, mas dos caminhos que se configuram em torno do próprio movimento.

Luís Adriano Mendes Costa

Antonio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais

26

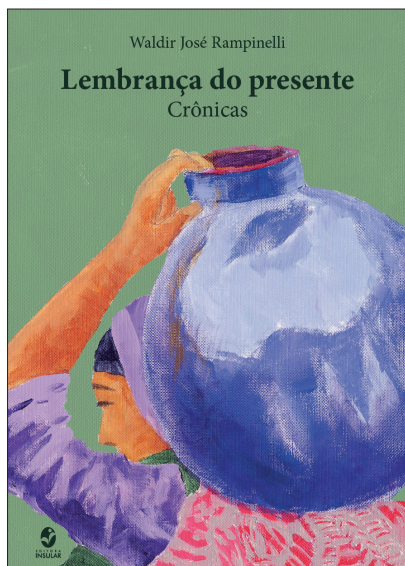
Capítulo 1



Movimento armorial: história, poética e política

O ano de 1970 reservou momentos marcantes para a história do Brasil. Se na política pôs vista um período de tensão diante da atuação inflexível da censura e repressão do governo do General Emílio Garrastazu Médici passados seis anos do golpe militar, o plano econômico seguia quatro diretrizes básicas diante da ação dos governos militares: criar e assegurar condições para um crescimento econômico acelerado, consolidar o sistema capitalista no país; intensificar a integração da economia brasileira no sistema capitalista internacional; e, como consequência, transformar o país numa potência mundial, retirando-o da condição de subdesenvolvido e projetando-o internacionalmente.

Lembrança do presente



Livro de crônicas com ilustrações nas aberturas de capítulos. O trabalho foi construído em **constante diálogo** entre autor, editor, ilustrador e designer. Com muitas imagens coloridas e uma mancha de texto bem arejada, a leitura é fluída e o livro é muito bonito.



Dia dos Mortos

A festa começa quinze dias antes. Os primeiros sinais aparecem nas padarias, com o pão dos mortos e as caveiras de açúcar. Quem pode compra de chocolate. Logo se montam os altares – ou oferendas, como eram chamados no passado indígena –, com fotos dos entes queridos e de suas comidas e bebidas preferidas. Afinal, eles estão por chegar. Imagens de líderes nacionais populares, como Pancho Villa, Emiliano Zapata ou Francisco I. Madero, costumam aparecer. Cada um escolhe de acordo com sua visão política.

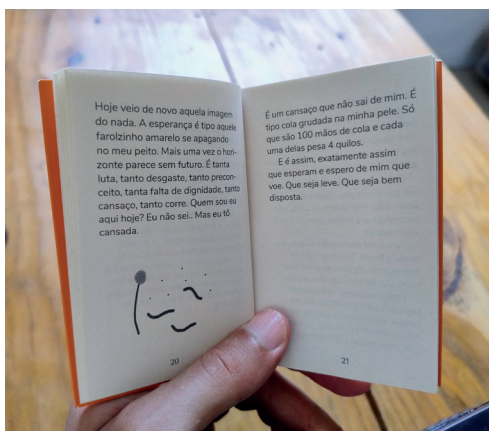
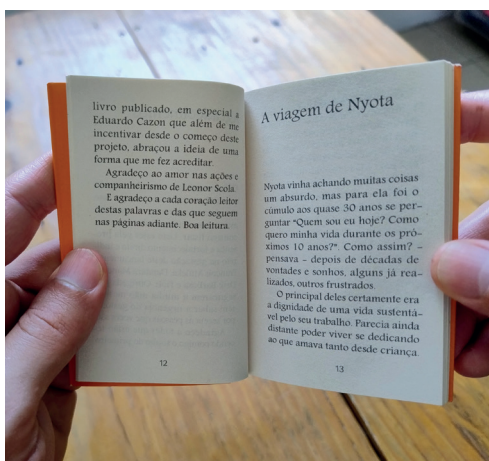
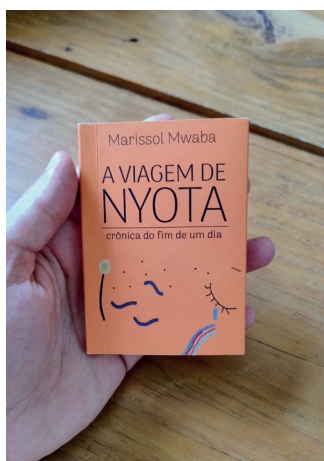
Nas escolas públicas, não apenas se fazem as oferendas como também se aproveita a ocasião para, com certa picaresca, criticar a quem se foi e não preparava bem sua aula ou faltava a ela com frequência. O contrário igualmente acontece. Os estudantes não costumam perder a viagem dando um recado aos vivos.

As diferenças de classes são evidentes no luxo dos altares. Alguns deles perdem a tradição e viram local de visitação, ostentando poder, glória e riqueza. São mortos que nunca morrem.

Santa Maria de Tonanitla é um povoado pobre, humilde, simplório, com poucas casas de madeira, cujas tábuas estão enegrecidas pela poeira preta até a altura das janelas. Em frente à igreja, se esparrama um gramado malcuidado, com buracos por toda a extensão. Nele pastam animais dos moradores. As pessoas vivem de pequenos negócios e de uma agricultura de subsistência. O milho é seu principal produto.

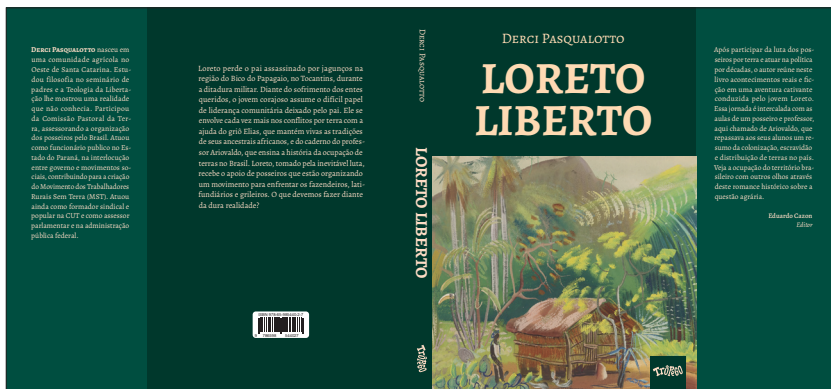
A viagem de Nyota

Este também é um livro de crônicas, porém com um propósito especial: é um **livro amuleto**. Ele narra o fim do dia de uma artista negra cansada das relações raciais e que parte em uma viagem pessoal. **O livro é um objeto de proteção** pensado para ser carregado consigo, seja fisicamente ou em memória.



Loreto Liberto

Nesta ficção histórica sobre reforma agrária, a escolha do formato 16 x 23 cm, com margens estreitas e abertura de capítulos em sequência foram pensadas para **reduzir o número de páginas.**



para te dar o recado que você recebeu. Toda a região vive uma forte tensão pela posse da terra, com muitas expulsões, queima de casas e assassinatos de posseiros. Você teve sorte, apenas te ameaçaram, podiam ter feito algo mais grave, como te sequestrar. Ninguém passa despercebido na região dos maiores conflitos de terra. Principalmente quando você vai a um posto telefônico e fala abertamente sobre posseiros. O controle do regime militar é rápido e eficiente. Em cinco minutos, cercaram o posto telefônico para te dar o recado necessário.

Serra Pelada mostrou a Loreto o tamanho da miséria que os posseiros viviam: pobreza, fome, morte, crianças abandonadas, desrespeito a qualquer direito. O telefonema de Porto Nacional revelou outra dimensão da vida brasileira, que Loreto não sabia e não tinha ideia de seu alcance repressivo: a ditadura militar.

A grilagem de terras, a violência que ela provocou e ainda provoca mostra, por um lado, os posseiros sendo manipulados, perseguidos, expropriados de suas terras e sendo mortos com a maior naturalidade, como se a vida não tivesse nenhum valor. Por outro lado, mostra que o capital (dinheiro e poder) tem mais valor que a pessoa humana, seu trabalho e seu sofrimento. Revela mais que isso: que o Estado brasileiro e seus governos, através da ação de funcionários públicos federais, estaduais e municipais, militares, forças policiais e donos de cartório agiam para proteger os grileiros, que tiram a vida dos posseiros. Todos eles eram acobertados por um governo de repressão, comandado pela ditadura militar. Grileiros, políticos administradores, forças policiais agiam com naturalidade — como se isso fosse o curso normal da vida e da sociedade — sem temer qualquer tipo de controle por parte das leis e da justiça. O Estado brasileiro sob o regime militar passou a fortalecer a grilagem, criando leis para garantir que as terras devolutas tivessem como prioridade os projetos de colonização, as concessões de terras para o estabelecimento de grandes empreendimentos rurais ou para atender os interesses dos poderosos. Para isso valia tudo: falsificação de documentos nos cartórios, violência, assassinatos e expulsão com a cobertura das autoridades, impedindo ou dificultando a regularização fundiária que atendesse às necessidades dos posseiros ou dos pobres sem-terra.

Loreto passou a entender, igualmente, o que significava a “segurança nacional”, sempre evocada pelos militares que trabalhavam no GE-TAT, quando se tratava dos posseiros. Segurança nacional queria dizer

que cabia ao governo dizer como as terras podiam ser distribuídas e para quem. Cabia ao governo manter a ordem. Lutar para manter seus posses ou querer uma regularização (uma titulação) das terras ocupadas pelos posseiros era crime. Em nome da segurança nacional, as terras ocupadas por famílias de posseiros podiam ser transformadas em capim para os bois dos fazendeiros ou ganho fácil para os grileiros. Pela segurança nacional, os posseiros foram transformados em invasores; portanto, passíveis de serem expulsos e ficarem sem teto como sustentar suas famílias, inde buscar no garimpo a sua sustentação. Segurança nacional era o estado autoritário e repressor, que protegia os poderosos e discriminava, prendia e, se preciso fosse, matava os pobres que lutavam por seus direitos.

Mas Loreto e seu povo, que passaram por pressões, expulsões, queima de suas casas, morte de seus líderes, desrespeito por parte das autoridades, começaram a perceber que, se não resistissem e lutassem, se acabariam todos. Nasceu do desespero, da dominação e da destruição a esperança de que precisavam ter força para resistir e buscar uma mudança que lhes permitisse trabalhar e viver de forma livre.

CAPÍTULO 32

Os povoados distantes

Loreto despediu-se de Cristina, antes dela sair para a escola, pois partiria para Xambioá. Passaria na casa dos pais de Cristina e lá aguardaria a chegada do professor Arivaldo, como tinham acordado quando de sua estada em Porto Nacional. Nos quinze dias seguintes, visitariam povoados nos municípios de Xambioá e de Ananás. Depois, povoados dos municípios de Axixá, Araguaínas e Augustinópolis.

Padre Josué e seu Severino, pai de Cristina e presidente da associação de moradores em Xambioá, já tinham feito contato com algumas pessoas de cada povoado, preparando a ida da comissão formada por Loreto, Arivaldo e Severino. A chegada do professor se deu na data combinada e, no dia seguinte, partiram para o primeiro povoado, onde Severino tinha algumas famílias aparentadas. Lá, durante dois dias visitaram várias casas e conversaram sobre as ameaças feitas por um fazendeiro, que dizia que as terras eram suas. Ao mesmo tempo, relataram suas histórias de

Estudo de caso

Aqui temos uma mistura entre linguística e literatura. Uma obra que pode ser lida como trabalho de pesquisa, livro de crônica ou romance, dependendo de como o leitor escolhe ler. Os capítulos são causos contados pelo personagem principal com **notas de rodapé**, escritas por um estudante de Letras em diálogo com sua orientadora, que analisam a variação linguística do entrevistado e o sotaque gaúcho.



ESTUDO DE CAUSO

Prefácio

Esta é uma obra de ficção, resultado de uma pesquisa de campo que eu fiz em 2011, na localidade de Nossa Senhora das Graças, em Casas do Sul, RS. São causos que eu gravei e depois transcrevi. Outras informações e explicações estão em notas de rodapé. O estudo pode ser lido como um trabalho de linguística, um livro de contos e quem sabe, um romance, dependendo do caminho de leitura escolhida (por exemplo, o leitor e a leitora podem decidir ler ou não as notas de rodapé do jovem pesquisador).

Alguém do Treze, por ter participado da pesquisa, e a cara orientadora, que aceitou o caráter literário que meu trabalho em linguística acabou tomando graças ao entrevistado.

Espero que esse livro possa contribuir para uma melhor aproximação da linguística com a literatura e vice-versa.

Antes aqui era o prefácio da primeira edição, de 2011, que assinéi com meu nome acadêmico. Foram cinquenta exemplares, vendidos todos no lançamento. Dez anos depois, surgiu a oportunidade de republicar esse livro graças a um amigo editor.

Além do interesse natural pelo personagem e a temática do alfabeto, eu sei, a especificidade linguística de uma pessoa, lembrei agora que a vontade de escrever esse livro surgiu também porque eu recém tinha lido obras literárias que trabalhavam a partir da investigação linguística. Por exemplo, o *Grande Sertão: Veredas* – que achei um raçoço – e *A língua de Fallaia* – que prefiro não comentar. Eu pensei: vou

7

ESTUDO DE CAUSO

Vandalino, mas pode me chamar de Treze

Você que vai ajudar comentei o gargalho?

Treze porque tinha lá a letreia esportiva, sabe, que se você fizesse treze posso você ganhar uma bolada. E assim, não adianta você ser treze (há treze na vida, e a gente nunca sabe direito o que fazer com ela. Daí lá via tudo mundo começa me chamar de Treze, lá em São Pedro. Um mistereiro que treze sorte... As garra ficaram curtidas, pensaram aí, que será que é Treze? Bobagem sempre pega, né. Um chamamento fantei é só pra você não esquecer nunca de azaar que você tem.

FENSI: um piá abobado que ganhou na loteria. Que que você acha que eu fiz com o dinheiro? Foi pra comprar Nilo, só que primeiro eu comprei um lote lá pro pai e outro pros meus irmãos, pra cada um deles se aprazem numa casinha, num terreno próprio. Daí eu me debaidei pro chinareiro. Só usque, champagne, tudo que eu mihi queria eu pagava. Nunca tive tanto dinheiro como que nem naquele tempo. Me diga se tem um jeito de se reapropriarem mais do que você viver no presente? Não existe. Eu deixaria tudo miste com uma diferente. Se chegava uma moça, eu tinha prioridade. Mas eu era o REE. DOIS ANOS eu fiquei morando lá. Só no uaiquinho, cigareto de fumo, carne e vinho sabe.

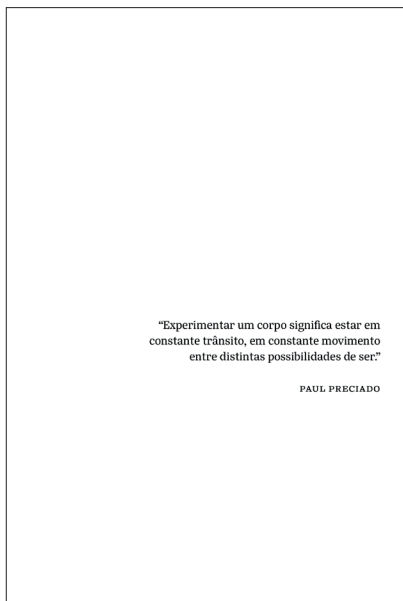
Vir em quando dana um entereiro brabo lá. Pareiro não é fácil, tudo os dia vir chovera. Os home beber e perde a cabe-

1. Cara orientadora, preciso mencionar ficção e esse *Adão de Falla*, mas não chegou a comentar o trabalho que eu fiz lá. Além disso, *Adão de Falla* é de contos, e que nos interessa aqui é a *língua de Falla*, que está devidamente documentada, sobre o sotaque gaúcho. Nas notas seguintes, trago mais comentários e observações pessoais.

9

Por labirintos e torres

Livro de autoescrita gay com reflexões sobre as relações pessoais e o olhar romântico para a vida. O livro possui uma **experimentação com diferentes formatos de textos**, como: versos, prosa, ensaio, carta, manifesto e formulário.



Formulário Oficial de Encerramento de Relacionamento

1. Identificação das Partes Envolvidas
Nome da Primeira Parte: _____
Nome da Segunda Parte: _____

2. Propósito da Comunicação
A presente comunicação visa formalizar o início de um processo de encerramento do relacionamento, ressaltando que a comunicação ora estabelecida é considerada mais carinhosa e sincera em comparação à quaisquer contatos anteriores.

3. Histórico do Relacionamento
Eventos e Debates Recentes: Fatos e razões previamente discutidos foram reconsiderados, resultando em uma comunicação mais clara e renovada.
Mudança de Perspectiva: A Primeira Parte desistiu de utilizar argumentos contundentes e frases impactantes, reconhecendo que tal abordagem pode ter sido prejudicial.

4. Reflexões Pessoais
Autocrítica: A Primeira Parte admite comportamentos considerados inconvenientes, reconhecendo uma possível perda da noção da força das próprias palavras.
Impacto Emocional: A Primeira Parte assume que seus caprichos pessoais podem ter causado impacto significativo na Segunda Parte.

5. Evolução Pessoal
Descoberta Pessoal: a primeira Parte relata ter iniciado um processo de autodescoberta e aceitação das histórias como

29

Vida, tudo sonho

Livro compilando poesia que o autor escreveu ao longo dos anos. Neste projeto eu fiz **capa, miolo e ilustrações**. Como a obra fala de temas amplos (*vida e sonho*), escolhi uma linguagem visual abstrata e por se tratar de textos escritos sem pretensão de serem publicados, escolhi o lápis aquarelável para trazer a manualidade, os borrões e as manchas de um processo de exploração criativa.



ACEITAÇÃO

Sei que a vida é vasta
E não basta viver apenas
Sem poema, sem cinema
Sem mais nem menos
Sei também que a vida
Pode ser pequena
E é pena pra quem vive
Ausente de instante
Porque nunca satisfeita
Porque nunca aceita
O que se apresenta
Então a vida é uma
Constante contenda
Entre o que se vive
E o que se inventa

Não adianta só ficar
Fazendo birra com o passado
Não adianta brigar com a vida
Ir adiante é o que importa
No encontro ou na despedida



Boa noite, seu Tavares



Um **diário** escrito pela filha que cuidou do pai com Alzheimer. Cada texto possui um título e uma data. O personagem principal, seu Tavares, representei na capa desenhando com lápis grafite através da técnica de rotoscopia. Por ser torcedor do Avaí Futebol Clube, a capa **tinha que ser azul, é claro!**

arrastando. Tive de usar todas as artes e sortilégios para fazê-lo voltar. Voltou emburrado e a emenda ficou pior que o soneto.

A ânsia por sair agora também aparece durante a noite e, do nada, ele levanta da cama e sai andando no rumo do portão. Se eu tranco a porta é um escândalo, então tenho de deixar sair. Procuro cobri-lo com hastante roupa quente, mas ele vai arrancando tudo. E eu tenho de ir recolhendo e tentando colocar tudo de volta, afinal, as noites são frias. Ele finca o pé no portão e não sai. Eu peço a sombrinha e abro, para tentar evitar o sereno. A cena é louca: na madrugada estrelada, eu com a sombrinha aberta no portão. É um terror digno de Stephen King. E o vírus, é a demência, é a possibilidade de uma gripe qualquer, uma descompensação maior. Tudo é sofrimento.

Um pouquinho de paz vem de manhã quando Rolando Boldrin consegue segurar sua atenção. E quando eu também consigo colocar em dia o trabalho, que igualmente me cobra tempo. E é uma dureza tentar concentrar depois de todas essas aventuras, sabendo que logo logo elas vão recomear.

Nesse turbilhão estou, já quase mergulhada na demência também. Porque lá fora tem Bolsonaro, tem Trump e tem uma gente ruim respaldando a selvageria dos feitores do capital. O pouco de sanidade me vem dos livros, os quais vou sorrendo quando possível, como se fossem pequenos oásis no deserto da solidão.

11 de abril de 2020

118

Os desafios do cuidador

Se existe algo que o processo de demência nos ensina é que não há caminho seguro, tampouco estabilidade. Quando a gente pensa que conseguiu encontrar uma forma de lidar com algum aspecto da doença, lá vem outra novidade a nos interpelar, exigindo novas técnicas, novos modos de lidar, tudo outra vez. Com o pai tem sido assim, praticamente a cada dois, três dias um novo problema se apresenta e há que encontrar novas soluções.

A novidade agora é com relação ao remédio. Não há como fazê-lo engolir os comprimidos. Simplesmente ele não consegue. Põe na boca, dá o gole de água, mas trava. Não consegue engolir. Imediatamente cuspe fora. Alguns, como a Vitamina B, consegui encontrar em gotas, mas o da pressão não tem jeito. Então, a saída é amassar e colocar na comida. Mas, o gosto é ruim e ele logo percebe, então muitas vezes cuspe fora também. É uma novela mexicana. Por vezes, para garantir que tome um comprimido eu gasto dois ou três deles. Mesmo as gotas, se ele percebe que eu boto algo no suco, já não toma. Então, é todo um processo de esconde-esconde na cozinha.

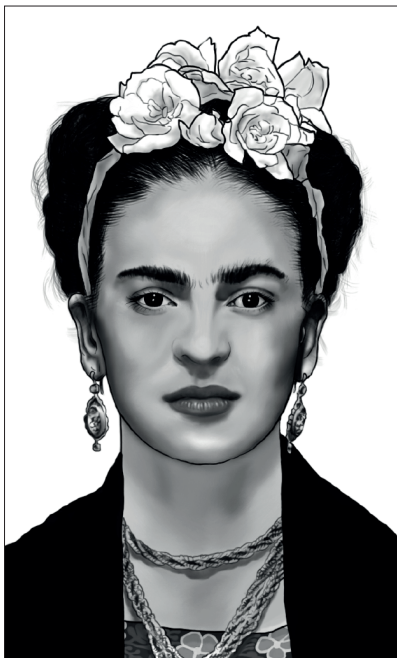
Na mesma linha do remédio, tem vezes que parece que ele esquece como é que se engole. Põe o café na boca, por exemplo, e fica com as bochechas cheias, olhando para mim, como em desespero para jogar fora. Tenho que correr com o baldinho para ele cuspir tudo. Não há jeito de comer. Não consegui descobrir uma saída para isso. Não sei se é uma evolução da doença ou se é passageiro. Porque passado algum tempo, eu ofereço para ele outra vez o café, o pão ou a comida e ele come. Mas, volta e meia isso acontece. Fico um pouco em pânico, porque não sei o que fazer. Tenho respaldado a vontade dele por enquanto, visto que não é o tempo todo que acontece, mas assusta-me pensar que pode chegar a hora em que ele não vai mais conseguir comer mesmo.

119

Ilustrações

MULHERES DA MINHA VIDA

Ilustrações digitais feitas com a técnica de **rotoscopia** para livro sobre as mulheres que são referências na vida da autora.



Mais trágico ainda foi o acidente que sofreu aos 18 anos, quando o ônibus onde estava se chocou contra um bonde. 39

Frida ficou entre a vida e a morte. Enquanto se restabelecia, começou a pintar com o material de seu pai. Deitada, Frida pintava a si mesma, através do espelho que a mãe fixou no teto. Se a tragédia colocou a pintura na sua vida, trouxe-lhe também dores terríveis e o uso de coletes ortopédicos para sempre. Como se não bastasse, o para-choque que atravessou sua pélvis a impediu de ter filhos. Ela sofreu três abortos ao longo da vida. Esses acontecimentos tristes, inclusive seus casamentos tempestuosos com Diego Rivera, estão na obra de Frida.

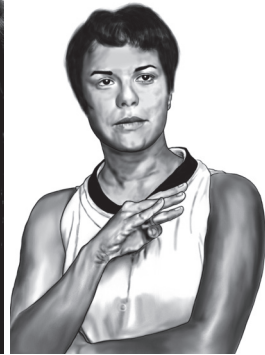
Claro, precisamos falar de Diego. Para dar uma ideia do que foi o relacionamento com o muralista mexicano, uso a própria definição de Frida em seu diário: "Diego, houve dois grandes acidentes na minha vida: o bonde e você. Você sem dúvida foi o pior deles".

Frida conheceu Diego Rivera aos 15 anos. Ele, com 36 anos, já era famoso por sua obra artística e pelos inúmeros casos amorosos. Tinha vários filhos de dois casamentos anteriores. Mas estava escrito: seis anos mais tarde, Frida leva alguns quadros para avaliação de Rivera e ele se apaixona pela obra e pela autora.

A mesma intensidade, dor e paixão que Frida colocava na pintura - como referências ao acidente, à deformidade e aos abortos que sofreu - ela colocou na sua relação com Rivera. Ou seria o contrário? Casaram-se pela primeira vez em 1929, em sua Casa Azul, em Coyoacán, para dissabor da família Kahlo, que se referia à união como sendo entre "um elefante e uma pomba". O noivo era enorme, 21 anos mais velho, comunista, ateu e mulherengo.

Entre "tapas e beijos", o casal passou uma temporada em Nova York, onde a obra e a figura de Frida causaram espanto e fascínio. Ela usava as cores e vestes tradicionais do México, tranças e flores no cabelo, honrando a cultura do seu país. Esta personalidade exuberante tomou de assalto a classe artística americana. Enquanto isso, tanto ela quanto Diego tiveram vários casos extraconjugais. Frida, inclusive, com mulheres.

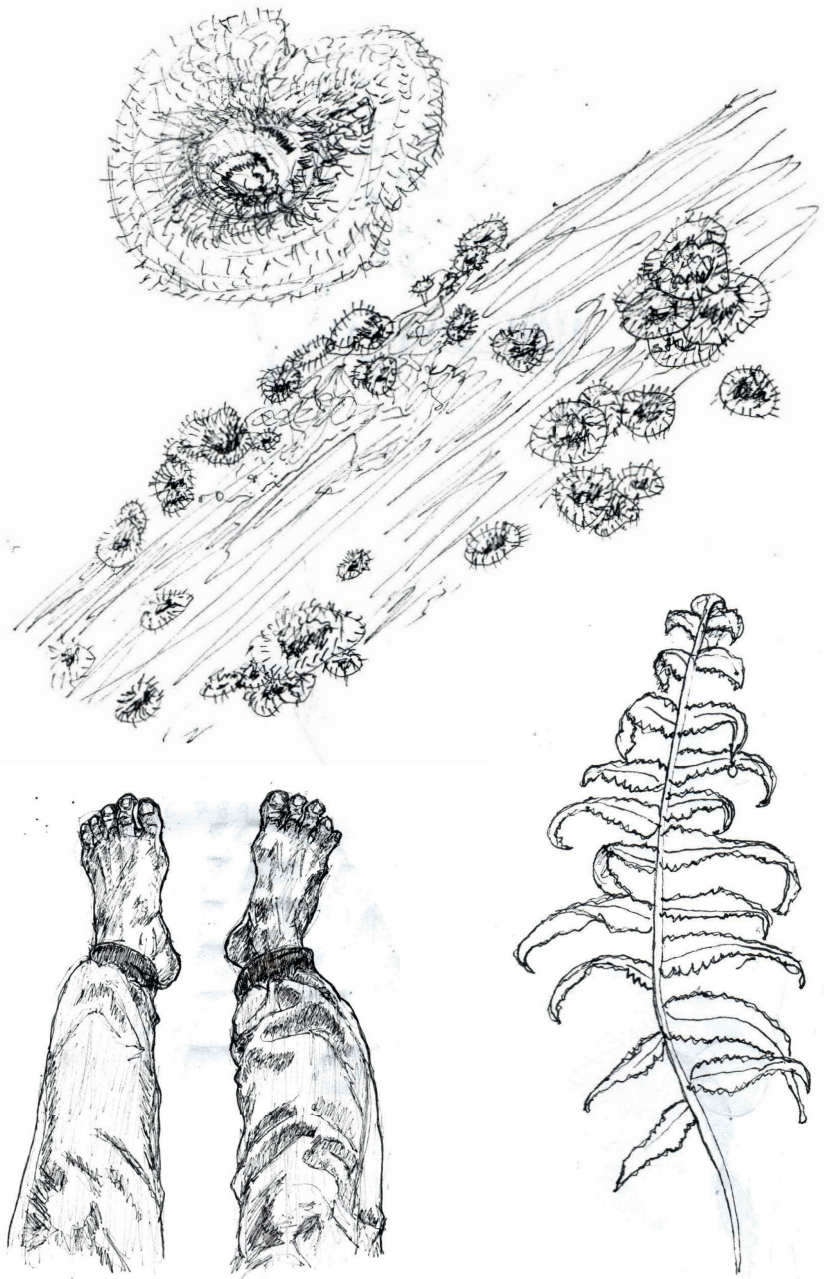




PONTO EM MOVIMENTO

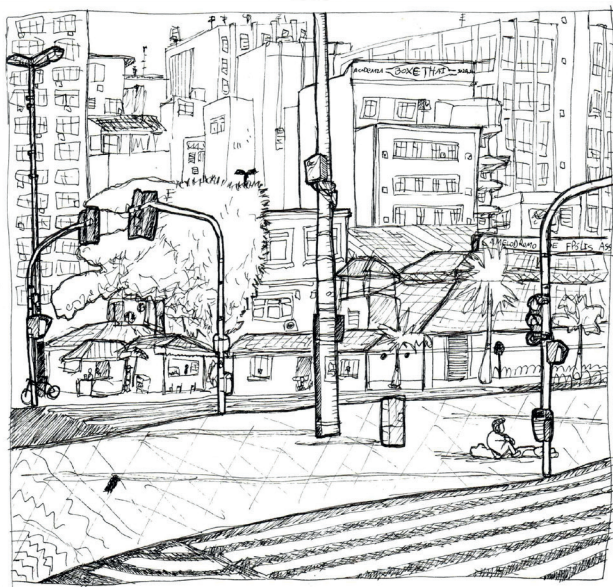
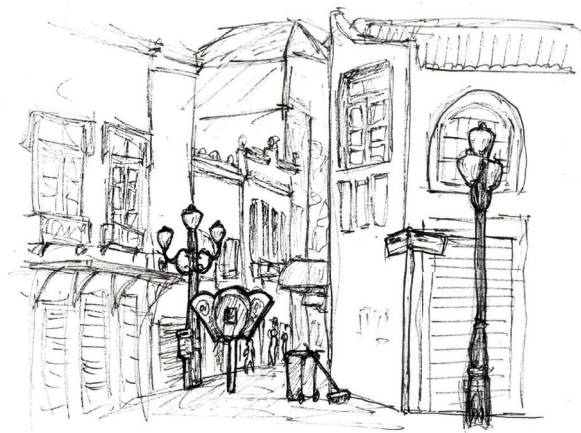
Ilustrações de **caneta nanquim**
para **livro de artista**.





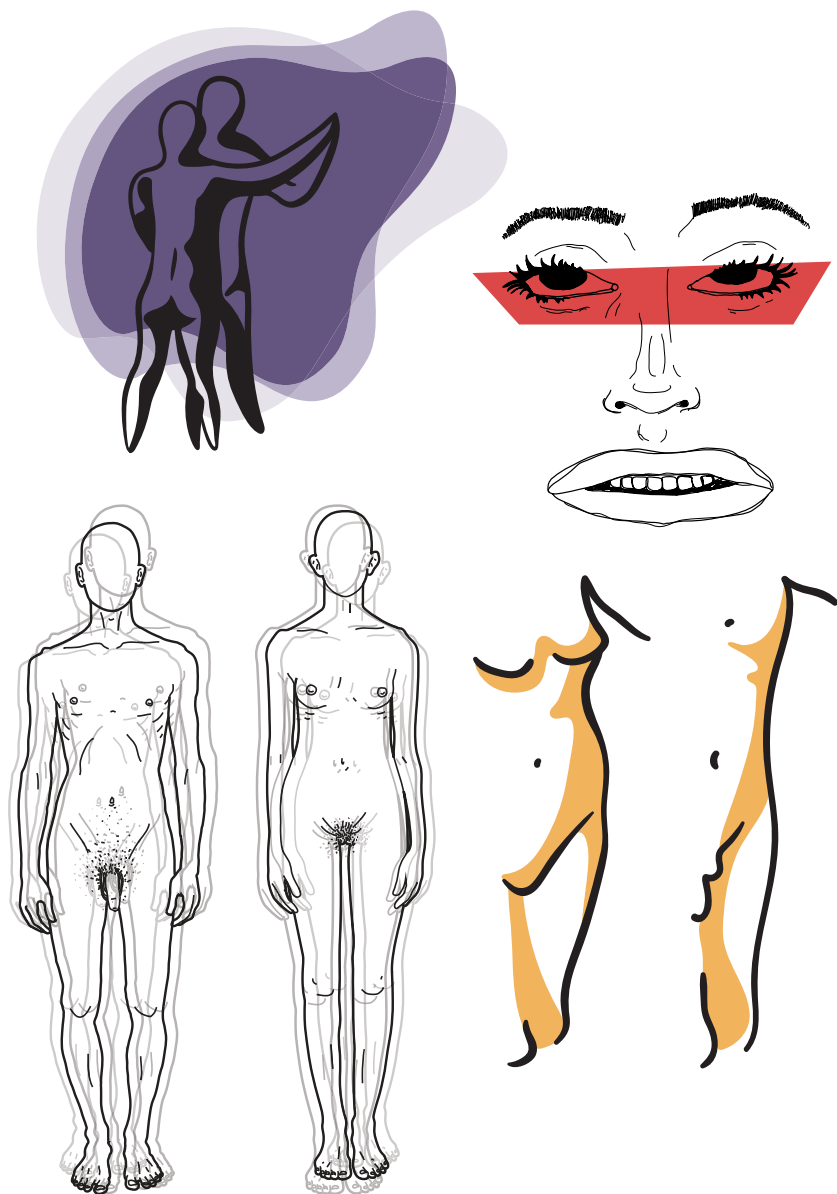
POSTES

Série de ilustrações feitas com caneta nanquim para exposição de **desenhos de observação**.



SEXUALIDADE

Ilustrações vetoriais para exposição sobre sexualidade.



PROGRAMA COOPERATIVA MIRIM

Ilustrações vetoriais para livros didáticos.

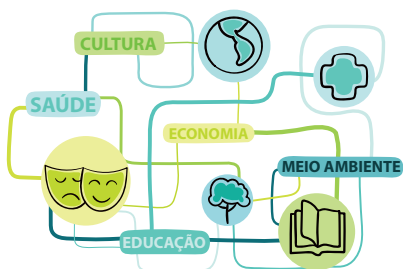
SUMÁRIO

10 Para começo de conversa



CAPÍTULO 1 **CAPÍTULO 2**

17 Introdução à educação cooperativa	33 Cooperativismo em espaços educativos
18 O valor da cooperação	34 Temas de aprendizagem e cooperação
23 Cooperação e ação socialmente produtiva	35 Aprendizagem, cooperação e o Programa Cooperativa Mirim



TRABALHOS PESSOAIS

Técnicas mistas.



Depoimentos

“Em pouco tempo, após um breve período como estagiário, Eduardo Cazon estava dominando plenamente a arte de publicar livros. Sua incursão pelos originais resultavam em **belíssimos produtos textuais**, muitos deles com também ilustrações e encantadoras capas de sua autoria. Foram **sete anos de intenso e realizador trabalho** que deixou mais de 200 livros com sua assinatura. O jovem aprendiz transformou-se num mestre e seguiu seu próprio caminho. É um editor maduro, cuja criatividade e segurança o tornam capaz de entregar um livro especial que eternizará uma obra.”

Nelson Rolim de Moura, editor responsável da Editora Insular

“O que mais gostei do trabalho realizado pelo Cazon na diagramação e montagem das ilustrações do livro *Lembrança do presente* foi a troca de ideias, as sugestões dadas e recebidas e o resultado final: **um trabalho excepcional e muito elogiado por quem leu o livro**. Inclusive por pessoas que trabalham no mesmo ramo. Trabalhar com o Cazon é simplesmente prazeroso, por ser ele um profissional competente, criativo e sugestivo. Quero também dizer que o Cazon **põe a alma no que faz**. Isso é tudo.”

Waldir Rampinelli, ex-Diretor Executivo da EdUFSC e professor de história na UFSC

“O Cazon desenvolveu todo o projeto gráfico e editorial do meu livro e demonstrou **muita responsabilidade, competência e criatividade**. Sempre cordial, aberto a sugestões e comprometido com o propósito de realizar um projeto repleto de significados para mim. Recomendo muito seu trabalho, pela qualidade e **cuidado com os detalhes**.”

Mary Vonni Meurer, professora de tipografia na UFSC

“Gostei muito que tu **entende tudo rápido e bem**. E as propostas que tu traz são sempre coerentes com o livro. Além do mais, por gostar de pensar o processo todo, tu não te coloca de modo inseguro, a gente sente que tu é um **especialista em livro**. Acho que em resumo é isso. Acaba sendo um processo rápido, com foco no que importa, porque não precisamos perder tempo te indicando coisas básicas. Exemplo: se te mandei uma frase em *itálico*, ela deve ficar em *itálico* no livro, né? Tu sabe disso, dá um alívio.”

Paulo Damin, autor de Estudo de caso

“Trabalhar com o Eduardo Cazon é muito bom, porque ele é uma pessoa apaixonada por livros e pelo que faz, então isso torna o processo muito mais prazeroso e confortável, ou seja, é um prazer estar trabalhando com alguém que está claramente **apaixonado pelo que faz**. Eu recomendaria o trabalho do Cazon para qualquer pessoa que queira entrar no mundo da literatura porque ele traz toda essa experiência e consegue usar todo o seu conhecimento em tipografia e questões técnicas de um **jeito carinhoso** pra convidar quem não é desse mundo a entrar e se aventurar no mundo da literatura.”

Felipe Petik Pasqualotto, autor de Por labirintos e torres

“Trabalhar com o Eduardo foi uma **experiência muito agradável e valiosa**, porque me proporcionou um grande aprendizado. Ele é um profissional muito **detalhista e responsável**. Apresentou várias dicas de melhoria nos textos, que eu gostei, e foi além, com dicas de impressão e venda do livro. Eu super indico o trabalho dele e já estou preparando um novo livro para enviar pra ele.”

Valmir Cazon, autor de A busca e Frequência da alma

“Trabalhei com Eduardo Cazon na diagramação de meu livro. E tudo correu muito bem, pois além de ser um **ótimo profissional**, dominando as questões técnicas, ele foi atento e solícito com relação às minhas

indicações, sempre chegando a um bom termo com relação às soluções sugeridas. Foi uma experiência agradável e produtiva.

Quem contratar seus serviços **pode ter certeza que terá um profissional competente e responsável**, além de uma pessoa boa e fácil de lidar, o que é fundamental. Finalizando, como trabalhamos juntos, para mim o processo era tão importante quanto o resultado. Então, fiquei muito contente com tudo aconteceu e também com o produto resultante: o livro ficou muito bom. Só agradecimentos.”

Ralph Viana, autor de Ou vai ou Reich! e Contra a Corrente com Muito Prazer!

“Tardiamente na trajetória da minha vida, aventurei-me a escrever um livro. Descobri que não é uma tarefa fácil. Posso dizer que *Loreto Liberto* só se tornou realidade com a participação e a ajuda do jovem editor Eduardo Cazon. **A conexão foi imediata** assim que começamos a conversar sobre a publicação: a atenção ao me ouvir, as perguntas pertinentes sobre o escrito, as orientações, as sugestões, enfim, **todos os aspectos necessários** para a publicação foram conduzidos com muito conhecimento, competência, respeito e parceria. Se alguém pensa em editar um livro, saiba que o Eduardo poderá oferecer uma ajuda excelente e competente. Sou muito grato por essa parceria.”

Derci Pasqualotto, autor de Loreto Liberto

“Gostei muito do tempo que trabalhei com o Cazon, apesar de não ter sido um período tão longo, eu pude aprender muita coisa, sempre achei ele **muito paciente** nas explicações e **muito prático**. Acho o Eduardo um **ótimo profissional**, muito cuidadoso com o que faz e muito caprichoso.”

Hanna Boassi, estagiária na Editora Insular

“Trabalhar com o Eduardo Cazon, no meu livro *Vida, tudo sonho*, publicado em maio de 2025, foi bastante satisfatório. Ele **captou e acolheu as ideias que eu tinha** e conseguiu concretizá-las num livro que eu apenas

imaginava. Ainda por cima, tomou para si o desafio de fazer as ilustrações. O resultado foi **um livro melhor do que eu podia esperar**, da capa à contracapa. O Cazon sabe o que faz.”

Neno Moura, autor de Vida, tudo sonho

“Um editor que oferece, além de livros, **ouvidos atentos e coração quente**. Recomendo o trampo. Já trabalhei de perto com Eduardo Cazon e é bem bonito ver o **envolvimento e cuidado que ele tem com cada projeto**. Isso que dá fazer as coisas com intenção, qualidade e acolhimento.”

Ibê, designer de Um escudo de afetos aos meus

Este livro foi composto com a fonte Alegreya, impresso em papel couchê fosco 115g/m² e publicado pela Trôpego em Abril de 2026